RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 06/05/2026 | aceito: 09/05/2026 | publicação: 12/05/2026

A representação do espaço urbano e o isolamento do sujeito na literatura contemporânea

The representation of urban space and the isolation of the subject in contemporary literature

La representación del espacio urbano y el aislamiento del sujeto en la literatura contemporánea

Lucas Emanuel Almeida Barboza

RESUMO: O presente ensaio analisa a configuração do espaço urbano como elemento estruturante e ativo na prosa de ficção contemporânea, investigando de que modo a metrópole deixa de ser mero cenário para se tornar um agente de isolamento e de fragmentação psíquica do sujeito. O objetivo central é discutir a dialética entre a arquitetura das grandes cidades e a construção da interioridade dos personagens, marcada pelo anonimato e pela desterritorialização. Metodologicamente, este trabalho sustenta-se em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e hermenêutica, ancorada em conceitos da Teoria Literária e da Crítica Cultural. As discussões revelam que a hostilidade do ambiente urbano contemporâneo reflete-se em uma linguagem estilhaçada, em que o isolamento não é apenas uma condição social, mas também uma característica ontológica da subjetividade pós-moderna. Conclui-se que a literatura recente opera como um espelho da crise de identidade, na qual o indivíduo, imerso no fluxo incessante das massas, paradoxalmente experimenta um vazio incomunicável, reafirmando a indissociabilidade entre o locus e o self.

Palavras-chave: Espaço Urbano. Literatura Contemporânea. Isolamento do sujeito. Crítica Literária.

ABSTRACT: This essay analyzes the configuration of urban space as a structuring and active element in contemporary prose fiction, investigating how the metropolis ceases to be a mere backdrop and becomes an agent of isolation and psychic fragmentation for the subject. The central objective is to discuss the dialectic between the architecture of large cities and the construction of the characters' interiority, marked by anonymity and deterritorialization. Methodologically, this work is grounded in qualitative and hermeneutic bibliographic research, anchored in concepts from Literary Theory and Cultural Criticism. The discussions reveal that the hostility of the contemporary urban environment is reflected in a fragmented language, in which isolation is not only a social condition but also an ontological characteristic of postmodern subjectivity. It is concluded that recent literature operates as a mirror of the identity crisis, in which the individual, immersed in the incessant flow of the masses, paradoxically experiences an incommunicable void, reaffirming the inseparability between locus and self.

Keywords: Urban Space. Contemporary Literature. Isolation of the Subject. Literary Criticism.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 06/05/2026 | aceito: 09/05/2026 | publicação: 12/05/2026

1. INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, a representação do espaço urbano na literatura transcende a função de mero pano de fundo geográfico e assume uma dimensão psicológica e política. Se, no romance do século XIX, a cidade era o palco das conquistas sociais e do despertar do flâneur — figura analisada por Benjamin (1989) em suas reflexões sobre Baudelaire e a modernidade capitalista —, na ficção recente, a metrópole é frequentemente retratada como um labirinto de concreto que aprisiona e atomiza o indivíduo. Este ensaio propõe uma reflexão sobre o "estilhaçamento do sujeito", fenômeno em que a identidade pessoal é fragmentada pelas demandas de um espaço saturado de estímulos, porém vazio de significados interpessoais.

A problemática reside na transição da experiência urbana de uma convivência comunitária para uma coexistência de anônimos. Simmel (2005) já alertava, no início do século XX, para o modo como a intensificação da vida nervosa nas grandes cidades produzia um tipo humano marcado pela reserva e pela indiferença. O espaço, longe de ser um receptáculo passivo, atua na narrativa como uma força centrífuga que afasta os sujeitos de si mesmos e dos outros. O objetivo deste ensaio é mapear as estratégias narrativas empregadas por autores contemporâneos para expressar esse isolamento, demonstrando como a topografia da cidade molda a topologia da mente dos protagonistas literários.

2. MARCO TEÓRICO

A categoria teórica de "Espaço" nos estudos literários tem sido revisitada para além das definições cartográficas. No gênero narrativo, o espaço é o tempo, o lugar e os personagens envolvidos, respondendo a questionamentos fundamentais sobre o contexto em que a trama se desenrola. O romance contemporâneo, como texto completo e verossímil, utiliza o cenário para definir a trajetória de seus heróis e as punições que a realidade lhes impõe. A produção do espaço, conforme Lefebvre (1974/2006) não é nunca um processo neutro: o espaço é resultado de práticas sociais e, ao mesmo tempo, condicionante delas, o que explica por que a metrópole literária não pode ser lida como um simples cenário.

2.1 A Fenomenologia do Espaço e o Cronótopo

Para compreender a relação entre sujeito e cidade, é essencial evocar o conceito de cronótopo formulado por Bakhtin (1993), que estabelece a interdependência intrínseca entre as dimensões espaciais e temporais na literatura. Bachelard (1993) já apontava que o espaço habitado carrega

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 06/05/2026 | aceito: 09/05/2026 | publicação: 12/05/2026

valores de proteção ou de hostilidade que influenciam diretamente a psique. Na literatura contemporânea, esse espaço habitado frequentemente se torna o "não-lugar", termo cunhado por Augé (1994) para descrever espaços de transição — aeroportos, rodoviárias, centros comerciais — que não geram identidade nem relações, contribuindo para o sentimento de desenraizamento do indivíduo.

2.2 O Isolamento na Pós-Modernidade

A condição do anonimato é uma marca da subjetividade pós-moderna. O sujeito contemporâneo vive uma crise de identidade decorrente da aceleração social e da impessoalidade das instituições, um processo amplamente discutido por Harvey (1992) ao analisar as transformações culturais engendradas pelo capitalismo tardio. O autoconhecimento, que historicamente era a chave para a sabedoria, torna-se um desafio quando o ambiente externo é pautado pela indiferença. Cândido (1972) nos lembra que a literatura, ao dar forma à experiência humana, tem precisamente a função de tornar comunicável aquilo que, na vida vivida, permanece opaco e incomunicável. Na ficção, a descrição minuciosa dos ambientes sensoriais urbanos — que exploram a visão, a audição e o tato — serve para enfatizar a frieza do metal e do vidro em relação à calidez do contato humano.

3. MATERIAL E MÉTODO

Este ensaio caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica exploratória e qualitativa. O percurso metodológico consistiu na seleção e na análise de ensaios críticos, de obras de teoria literária e de referências sobre a prosa contemporânea. A abordagem adotada é a hermenêutica, que busca proporcionar maior familiaridade com o problema e construir hipóteses interpretativas sobre a representação do isolamento. O material analisado inclui textos que discutem tipologias e gêneros textuais, bem como reflexões sobre o papel do narrador e a estrutura do enredo na construção da verossimilhança urbana.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da produção literária recente demonstra que a hostilidade urbana não é apenas descrita, mas também incorporada à própria forma narrativa. A descrição de lugares e objetos, utilizando uma linguagem sensorial, busca criar uma imagem vívida que apela às emoções do leitor, muitas vezes para evocar o desconforto.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 06/05/2026 | aceito: 09/05/2026 | publicação: 12/05/2026

4.1 Hostilidade Urbana e Fragmentação da Linguagem

Em muitas narrativas contemporâneas, a cidade é apresentada por meio de uma "descrição subjetiva", na qual as sensações de quem descreve prevalecem sobre a realidade objetiva. A fragmentação da linguagem — sentenças curtas, falta de conectivos tradicionais e interrupções no fluxo de consciência — espelha o caos sonoro e visual da metrópole. Simmel (2005) observa que a intensidade dos estímulos externos na grande cidade força o indivíduo a desenvolver uma atitude blasée, uma proteção psíquica que, levada ao extremo, resulta em incomunicabilidade. O isolamento do protagonista reflete-se, assim, na incapacidade de estabelecer um diálogo coerente, o que resulta em personagens que, embora cercados por massas humanas, permanecem em estado de "surdez social".

A relação entre a forma narrativa e o espaço urbano é, nesse sentido, inerentemente cronotópica: a desordem sintática do texto é indissociável da desordem espacial da cidade. Bakhtin (1993) já havia assinalado que o cronótopo não é mero recurso estilístico, mas o modo pelo qual o tempo histórico torna-se sensível e visível na literatura. Na ficção urbana contemporânea, esse princípio se radicaliza: a metrópole não é apenas o lugar onde a história acontece, mas também a própria substância de que o texto é feito.

4.2 O Protagonista como Sobrevivente do Concreto

A literatura de caráter existencialista e pós-apocalíptica urbana coloca o protagonista em situações de resistência mínima à desumanização. A solidão torna-se o enredo central, em que o conflito não é necessariamente contra um antagonista externo, mas contra o vazio da própria existência no meio urbano. Esse processo dialoga com o que Harvey (1992) denomina "compressão espaço-tempo": a aceleração das trocas capitalistas destrói referências identitárias e comunitárias, produzindo sujeitos desorientados e fragmentados.

A narrativa, ao contar histórias reais ou fictícias ocorridas em determinado tempo e lugar, acaba por documentar a falência dos laços afetivos em prol de uma sobrevivência técnica e pragmática (Pourre, 2026). Nesse sentido, cumpre a função humanizadora que Candido (1972) atribui à literatura: ao tornar legível o sofrimento do outro, a obra literária desempenha um papel ético que transcende o meramente estético. O não-lugar de Augé (1994) converte-se, portanto, em uma categoria narrativa: o protagonista urbano contemporâneo habita, existencialmente, um espaço de trânsito permanente, sem raízes nem destino.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano VII, v.1 2026 | submissão: 06/05/2026 | aceito: 09/05/2026 | publicação: 12/05/2026

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da representação do espaço urbano na literatura contemporânea revela uma crise profunda na identidade do sujeito moderno. A indissociabilidade entre o cenário concreto e o isolamento psicológico aponta para uma literatura que não apenas narra a vida nas cidades, mas é, em essência, moldada pelas tensões espaciais. O "não-lugar" (AUGÉ, 1994) e o anonimato deixaram de ser meros subprodutos do progresso para se tornarem pilares de uma nova subjetividade literária.

Em síntese, o isolamento retratado nas páginas da ficção recente funciona como um alerta crítico sobre os riscos da desumanização urbana. A literatura, ao dar voz à solidão, cumpre seu papel de promover a consciência histórica e a reflexão crítica (CANDIDO, 1972), permitindo ao leitor reconhecer as contradições do seu próprio viver em sociedade. O espaço urbano, portanto, permanece como o cronótopo definitivo da crise contemporânea (BAKHTIN, 1993), território onde o sujeito se produz e se dissolve simultaneamente.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papirus, 1994.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle Santos Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de literatura e de estética: a teoria do romance. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo: UNESP/Hucitec, 1993.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas III: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. Ciência e Cultura, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

HARVEY, David. A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1992.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. Do original: La production de l'espace. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 1974. Primeira versão em português: fev. 2006.

POURRE, Carlla Brito Furlan. Modelo conceitual de instrumento de desenvolvimento econômico: aplicação à viabilidade de projetos urbanos em pequenas cidades. 2026. 280 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2026.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. Tradução de Leopoldo Waizbort. Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 577-591, out. 2005.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.